



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXXI — Nº 96

SEXTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1976

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 158ª SESSÃO CONJUNTA, EM 2 DE SETEMBRO DE 1976

Sessão solene destinada a homenagear o Patrono do Exército, Duque de Caxias

ATA DA 158ª SESSÃO CONJUNTA, EM 2 DE SETEMBRO DE 1976

2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 8ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. MAGALHÃES PINTO

Às 15 horas, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena — Altevir Leal — José Guimard — Evandro Carreira — José Esteves — José Lindoso — Cattete Pinheiro — Jarbas Passarinho — Alexandre Costa — Henrique de La Rocque — José Sarney — Fausto Castello-Branco — Helvídio Nunes — Petrólio Portella — Mauro Benevides — Virgílio Távora — Wilson Gonçalves — Agenor Maria — Dinarte Mariz — Jessé Freire — Domicio Gondim — Ruy Carneiro — Marcos Freire — Paulo Guerra — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Gilvan Rocha — Lourival Baptista — Heitor Dias — Luiz Viana — Ruy Santos — Dirceu Cardoso — Eurico Rezende — João Calmon — Amaral Peixoto — Vasconcelos Torres — Benjamim Farah — Danton Jobim — Nelson Carneiro — Gustavo Capanema — Itamar Franco — Magalhães Pinto — Franco Montoro — Orestes Quércia — Otto Lenhmann — Benedito Ferreira — Lázaro Barboza — Mendes Canale — Saldanha Derzi — Accioly Filho — Leite Chaves — Mattos Leão — Evelásio Vieira — Lenoir Vargas — Otair Becker — Daniel Krieger — Paulo Brossard — Tarso Dutra.

E OS SENHORES DEPUTADOS:

Acre

Nabor Júnior — MDB; Nosser Almeida — ARENA; Ruy Lino — MDB.

Amazonas

Antunes de Oliveira — MDB; Joel Ferreira — MDB; Mário Frota — MDB; Rafael Faraco — ARENA; Ruimundo Parente — ARENA.

Pará

Alacid Nunes — ARENA; Edison Bonna — ARENA; Gabriel Hermes — ARENA; Jader Barbalho — MDB; João Menezes — MDB; Jorge Arbage — ARENA; Júlio Viveiros — MDB; Juvêncio Dias — ARENA; Newton Barreira — ARENA; Ubaldo Corrêa — ARENA.

Maranhão

Epitácio Cafeteira — MDB; Eurico Ribeiro — ARENA; João Castelo — ARENA; José Ribamar Machado — ARENA; Luiz Rocha — ARENA; Magno Bacelar — ARENA; Marão Filho — ARENA; Temístocles Teixeira — ARENA; Vieira da Silva — ARENA.

Piauí

Celso Barros — MDB; Correia Lima — ARENA; Dyrno Pires — ARENA; Hugo Napoleão — ARENA; João Climaco — ARENA; Murilo Rezende — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA.

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Seção II

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

EVANDRO MENDES VIANNA

Diretor-Geral do Senado Federal

ARNALDO GOMES

Diretor Executivo

PAULO AURÉLIO QUINTELLA

Diretor Administrativo

ALCIDES JOSÉ KRONENBERGER

Diretor Industrial

Via Superfície:

Semestre Cr\$ 100,00

Ano Cr\$ 200,00

Via Aérea:

Semestre Cr\$ 200,00

Ano Cr\$ 400,00

(O preço do exemplar atrasado será acrescido de Cr\$ 0,30)

Tiragem: 3 500 exemplares

Ceará

Antonio Moraes — MDB; Claudino Sales — ARENA; Ernesto Valente — ARENA; Figueiredo Correia — MDB; Flávio Marcílio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Gomes da Silva — ARENA; Januário Feitosa — ARENA; Jonas Carlos — ARENA; Marcelo Linhares — ARENA; Mauro Sampaio — ARENA; Ossian Araripe — ARENA; Paes de Andrade — MDB; Parsifal Barroso — ARENA; Paulo Studart — ARENA; Vilmar Pontes — ARENA.

Rio Grande do Norte

Antônio Florêncio — ARENA; Francisco Rocha — MDB; Henrique Eduardo Alves — MDB; Pedro Lucena — MDB; Ulisses Potiguar — ARENA; Vingt Rosado — ARENA; Wanderley Mariz — ARENA.

Paraíba

Ademar Pereira — ARENA; Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antonio Gomes — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Arnaldo Lafayette — MDB; Humberto Lucena — MDB; Marcondes Gadelha — MDB; Maurício Leite — ARENA; Octacílio Queiroz — MDB; Teotônio Neto — ARENA; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Aderbal Jurema — ARENA; Airon Rios — ARENA; Carlos Alberto Oliveira — ARENA; Carlos Wilson — ARENA; Fernando Coelho — MDB; Fernando Lyra — MDB; Geraldo Guedes — ARENA; Gonzaga Vasconcelos — ARENA; Inocêncio Oliveira — ARENA; Jarbas Vasconcelos — MDB; Joaquim Coutinho — ARENA; Joaquim Guerra — ARENA; Josias Leite — ARENA; Lins e Silva — ARENA; Marco Maciel — ARENA; Ricardo Fiuza — ARENA; Sérgio Murilo — MDB.

Alagoas

Antonio Ferreira — ARENA; Geraldo Bulhões — ARENA; José Alves — ARENA; José Costa — MDB; Theobaldo Barbosa — ARENA; Vinicius Cansanção — MDB.

Sergipe

Celso Carvalho — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; José Carlos Teixeira — MDB; Passos Porto — ARENA; Raimundo Diniz — ARENA.

Bahia

Afrísio Vieira Lima — ARENA; Antonio José — MDB; Djalma Bessa — ARENA; Fernando Magalhães — ARENA;

Henrique Brito — ARENA; Henrique Cardoso — MDB; Hildérico Oliveira — MDB; Horácio Matos — ARENA; João Alves — ARENA; João Durval — ARENA; Jutahy Magalhães — ARENA; Leur Lomanto — ARENA; Lomanto Júnior — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Menandro Minahim — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Noide Cerqueira — MDB; Odulfo Domingues — ARENA; Prisco Viana — ARENA; Rogério Rêgo — ARENA; Rômulo Galvão — ARENA; Ruy Bacelar — ARENA; Theódulo Albuquerque — ARENA; Vasco Neto — ARENA; Viana Neto — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Aloísio Santos — MDB; Argilano Dario — MDB; Gerson Camata — ARENA; Henrique Pretti — ARENA; Mário Moreira — MDB; Moacyr Dalla — ARENA; Oswaldo Zanello — ARENA; Parente Frota — ARENA.

Rio de Janeiro

Abdon Gonçalves — MDB; Alair Ferreira — ARENA; Alberto Lavinas — MDB; Alcir Pimenta — MDB; Álvaro Valle — ARENA; Amaral Netto — ARENA; Ário Theodoro — MDB; Brígido Tinoco — MDB; Célio Borja — ARENA; Daniel Silva — MDB; Darcílio Ayres — ARENA; Dasso Coimbra — ARENA; Dayl de Almeida — ARENA; Eduardo Galil — ARENA; Emmanoel Waismann — MDB; Erasmo Martins Pedro — MDB; Flexa Ribeiro — ARENA; Florim Coutinho — MDB; Francisco Studart — MDB; Hélio de Almeida — MDB; Hydekkel Freitas — ARENA; JG de Araújo Jorge — MDB; Joel Lima — MDB; Jorge Moura — MDB; José Bonifácio Neto — MDB; José Haddad — ARENA; José Maria de Carvalho — MDB; José Maurício — MDB; Léo Simões — MDB; Leonidas Sampaio — MDB; Luiz Braz — ARENA; Lygia Lessa Bastos — ARENA; Mac Dowell Leite de Castro — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Milton Steinbruch — MDB; Miro Teixeira — MDB; Moreira Franco — MDB; Nina Ribeiro — ARENA; Osmar Leitão — ARENA; Oswaldo Lima — MDB; Pedro Faria — MDB; Peixoto Filho — MDB; Rubem Dourado — MDB; Rubem Medina — MDB; Walter Silva — MDB.

Minas Gerais

Aécio Cunha — ARENA; Altair Chagas — ARENA; Batista Miranda — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Cotta Barbosa — MDB; Fábio Fonseca — MDB; Francelino Pereira — ARENA; Francisco Bilac Pinto — ARENA; Genival Tourinho — MDB; Geraldo Freire — ARENA; Homero Santos — ARENA; Humberto Souto — ARENA; Ibrahim Abi-Ackel — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; Jorge Ferraz — MDB; Jorge

Vargas — ARENA; José Bonifácio — ARENA; José Machado — ARENA; Juarez Batista — MDB; Luiz Couto — MDB; Luiz Fernando — ARENA; Manoel de Almeida — ARENA; Marcos Tito — MDB; Melo Freire — ARENA; Murilo Badaró — ARENA; Navarro Vieira — ARENA; Nelson Thibau — MDB; Nogueira de Rezende — ARENA; Padre Nobre — MDB; Paulino Cícero — ARENA; Raul Bernardo — ARENA; Renato Azeredo — MDB; Sílvio Abreu Júnior — MDB; Sinval Boaventura — ARENA; Tancredo Neves — MDB; Tarcísio Delgado — MDB.

São Paulo

Adalberto Camargo — MDB; A. H. Cunha Bueno — ARENA; Aírton Sandoval — MDB; Aírton Soares — MDB; Alcides Franciscato — ARENA; Amaral Furlan — ARENA; Antonio Morimoto — ARENA; Athiê Coury — MDB; Aurelio Campos — MDB; Blota Junior — ARENA; Cantídio Sampaio — ARENA; Cardoso de Almeida — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Ferraz Egreja — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Frederico Brandão — MDB; Freitas Nobre — MDB; Gioia Junior — ARENA; Guaçu Piteri — MDB; Herbert Levy — ARENA; Israel Dias-Novais — MDB; Ivahir Garcia — ARENA; João Arruda — MDB; João Cunha — MDB; João Pedro — ARENA; Joaquim Bevilacqua — MDB; Jorge Paulo — MDB; José Camargo — MDB; Lincoln Grillo — MDB; Octacílio Almeida — MDB; Odeir Furlan — MDB; Otavio Ceccato — MDB; Pacheco Chaves — MDB; Pedro Carolo — ARENA; Roberto Carvalho — MDB; Ruy Codo — MDB; Salvador Julianelli — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sylvio Venturoli — ARENA; Theodoro Mendes — MDB; Ulysses Guimarães — MDB; Yasunori Kunigo — MDB.

Goiás

Adhemar Santillo — MDB; Ary Valadão — ARENA; Elcival Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Genervino Fonseca — MDB; Hélio Levy — ARENA; Hélio Mauro — ARENA; Iturival Nascimento — MDB; Jarmund Nasser — ARENA; Juarez Bernardes — MDB; Onísio Ludovico — ARENA; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Antonio Carlos — MDB; Benedito Canellas — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Nunes Rocha — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA; Valdomiro Gonçalves — ARENA; Vicente Vuolo — ARENA; Walter de Castro — MDB.

Paraná

Adriano Valente — ARENA; Agostinho Rodrigues — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Álvaro Dias — MDB; Antônio Annibelli — MDB; Antonio Belinati — MDB; Antônio Ueno — ARENA; Ary Kffuri — ARENA; Braga Ramos — ARENA; Cleverton Teixeira — ARENA; Expedito Zanotti — MDB; Fernando Gama — MDB; Flávio Giovini — ARENA; Gamaliel Galvão — MDB; Gomes do Amaral — MDB; Hermes Macêdo — ARENA; Ítalo Conti — ARENA; João Vargas — ARENA; Minoru Miyamoto — ARENA; Nelson Maculan — MDB; Norton Macêdo — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Osvaldo Buskei — ARENA; Paulo Marques — MDB; Pedro Lauro — MDB; Santos Filho — ARENA; Sebastião Rodrigues Júnior — MDB; Walber Guimarães — MDB.

Santa Catarina

Abel Ávila — ARENA; Adhemar Ghisi — ARENA; Angelino Rosa — ARENA; Dib Cherem — ARENA; Ernesto de Marco — MDB; Francisco Libardoni — MDB; Henrique Córdova — ARENA; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; José Thomé — MDB; Laerte Vieira — MDB; Luiz Henrique — MDB; Nereu Guidi — ARENA; Pedro Colin — ARENA; Valmor de Luca — MDB; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Alexandre Machado — ARENA; Aluizio Paraguassu — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Arlindo Kunzler — ARENA; Augusto Trein — ARENA; Carlos Santos — MDB; Célio Marques Fernandes — ARENA; Cid Furtado — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Fernando Gonçalves — ARENA; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Jairo Brum — MDB; João Gilberto — MDB; Jorge Ueque — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Lidovino Fanton — MDB; Magnus Guimarães — MDB; Mário Mondino — ARENA; Nelson Marchezan — ARENA; Norberto Schmidt — ARENA; Nunes Leal — ARENA; Odacir Klein — MDB; Rosa Flores — MDB; Vasco Amaro — ARENA.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rondônia

Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Hélio Campos — ARENA.

Compõem a Mesa à direita do Sr. Presidente, o Sr. Deputado Célio Borja, Presidente da Câmara dos Deputados, e os Srs. Senadores Marcos Freire e Lenoir Vargas, respectivamente 2º e 4º-Secretários; à esquerda, os Srs. Senadores Dinarte Mariz e Lourival Baptista, respectivamente 1º e 3º-Secretários.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Declaro aberta a Sessão Solene do Congresso Nacional e convido Sua Excelência o Sr. Ministro Djaci Falcão, Presidente do Supremo Tribunal Federal, e Sua Excelência o Sr. General Sylvio Frota, Ministro de Estado do Exército, a comporem a Mesa. (Pausa.)

Suas Excelências tomam assento à Mesa, à esquerda e à direita do Sr. Presidente, respectivamente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — A presente Sessão destina-se a homenagear o Patrono do Exército Brasileiro, Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

Dando início às solenidades, o Congresso Nacional ouvirá, de pé, o Hino Nacional.

Executado o Hino Nacional pela banda postada nas galerias. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — O Congresso Nacional, ao homenagear o Duque de Caxias, Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, reverencia a sua memória e presta justa homenagem ao Exército Nacional, nesta Semana da Pátria.

Com relação ao ilustre brasileiro de nossa História, não distinguimos o homem de guerra, o militar, do cidadão e homem a serviço da paz. Nem destes distinguimos, o político do estadista, nem do administrador.

Ele foi significativo e grande, sob qualquer ângulo de sua extraordinária personalidade.

O Exército Nacional, tendo-o como seu Patrono, inspira-se em um grande brasileiro, digno sob todos os títulos e exemplo para ser seguido e imitado.

O Duque de Caxias, Senador, Ministro de Estado e Presidente do Conselho de Ministros do Império, foi um patriota a serviço do Brasil; um cidadão a serviço da paz entre seus concidadãos e no convívio com os nossos irmãos vizinhos.

As homenagens que o Congresso Nacional presta hoje à sua memória, estendendo-as ao Exército Nacional, são fundadas e procedentes.

Luiz Alves de Lima e Silva, além de ser o Patrono de nosso Exército, é, também, um dos patronos da Pátria; ou seja, um espírito que, por suas ações em vida, há de ser, no presente e no futuro, fonte de inspiração para todos nós brasileiros.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Senador Benjamim Farah, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. BENJAMIM FARAH (MDB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Excelentíssimo Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Sr. Ministro do Exército, Srs. Ministros de Estado, Srs. Ministros dos Tribunais Superiores, Sr. Governador do Distrito Federal, Sr. Arcebispo de Brasília, altas autoridades, Srs. Deputados, Srs. Senadores, Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Sigam-me os que forem brasileiros. O brado que irrompeu de Caxias na passagem de Itororó, numa hora difícil da nacionalidade, que ali colocava as suas mais lídimas esperanças, quando figuras valentes e queridas, como o Coronel Fernando Machado e os Generais Gurjão e Argalo, tombaram no campo da luta; esse brado, repito, era a ordem de ataque, a partida para a vitória, e, por igual, uma conchamação que chegou aos nossos dias, para uma reflexão e mais um compromisso.

Damos graças a Deus, porque as grandes datas da nossa Pátria estão presentes não apenas em nossa memória, mas, também, gravadas nas camadas mais profundas do nosso espírito e da nossa experiência histórica. Não significam apenas as datas triunfais e ressonantes, porém os marcos de reavaliação e reexame que nos permitem rever as páginas já percorridas e vividas, que enriquecem os nossos anais pelas conquistas, capazes de renovar a nossa confiança, revigorando a nossa capacidade de continuar a obra dos nossos maiores.

A efeméride comemorativa de Caxias encontra-se no alto pedestal da nacionalidade, de cuja definitiva estruturação política e moral ele participou, oferecendo uma contribuição que se destaca entre as mais positivas, daí resultando a nossa unificação geográfica, ou melhor dizendo, a nossa geopolítica, de bases resistentes e sociologicamente originais. Antes dele, ao lado dele e depois dele, nas respectivas circunstâncias históricas, surgiram vários cometimentos, em que a nação emergiu, avultando os Guararapes e a epopeia dos Inconfidentes de Vila Rica.

Evidencia-se o sentido unificador e conciliador de contrastes que deviam ser amalgamados para que o todo se compusesse com irremovível solidez.

Numa visão panorâmica da jornada brasileira através dos diversos ciclos e períodos de nossa História, a figura de Luiz Alves de Lima e Silva se projeta ligando os vários elos que ele evitou que se partissem no tempo e no espaço, permitindo, com a sua ação construtiva, que o alcançado anteriormente viesse unir-se ao por ele produzido, assegurando a continuidade e o desdobramento de que somos resultado.

Durante quase quatro séculos, nunca mudou o ritmo da evolução e, por isto, apresenta o Brasil o fenômeno assombroso de ser um imenso País, onde as tradições são fundamentalmente as mesmas, a língua a mesma, sem a deturpação de dialetos locais, o folclore o mesmo, a coloração moral da população a mesma, as grandes aspirações nacionais as mesmas.

Tipo representativo do mais sublimado caráter, bom senso e patriotismo brasileiro de forte e pura seiva, Caxias é a figura político-militar de mais saliente relevo nesta parte do continente no XIX século.

Acompanhemos, sucintamente, a sua extraordinária trajetória.

Filho e neto de soldados, nascido em 1803, aos cinco anos de idade já era designado cadete, integrando o regimento de seu avô; aos quinze, alferes, cursando, com brilho, a Academia Militar.

Concluídos os estudos preliminares, passou a tenente aos 18 anos.

Nessa fase, "em Lisboa não se pensa em mais nada que não seja socorrer a Bahia e levantar ali o baluarte do Império português na América".

Porém a Independência, lá ameaçada, precisava consolidar-se, de vez que surgia um novo Estado, no mapa das Américas e do mundo, o qual estaria fadado a uma missão de paz, de justiça e de liberdade.

Agitavam-se as lutas da Independência e, aqui, começam os seus atos valorosos. Onde a pendência era mais dificultosa, mais renhida, a Bahia, para lá seguiu ele.

Defrontavam-se portugueses e brasileiros, aqueles dirigidos por Madeira e estes por Labatut, as duas figuras mais nitidamente individualizadas das lutas da Independência na esfera militar.

Lá comparece o **Batalhão do Imperador**. É o Tenente Luiz Alves de Lima e Silva, como ajudante, sofre o primeiro batismo de fogo. Tem apenas vinte anos. Idade em que os jovens raramente conhecem os rigores e as responsabilidades da vida.

Tem início, então, a mais bela, a mais fecunda, a mais gloriosa carreira militar.

É promovido a Capitão, com vinte anos apenas, e nomeado Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro.

Dois anos depois, partia para a Cisplatina, lutando no cerco de Montevideu e se destacando em vários feitos; teve o comando das linhas avançadas, onde realizou proezas dignas de admiração.

Em 1831, esteve ao lado de Pedro I, a quem falara com franqueza, informando que os soldados reunidos no Campo de Santana, estavam tomados de rebeldia, e aconselhando o Imperador a seguir imediatamente para a fazenda de Santa Cruz, onde reuniria as tropas sob seu comando. D. Pedro não aceitara a sugestão do Major Lima e Silva, mas louvara a sua integridade de soldado legalista. E foi suscitado: **Não queria derramamento de sangue** e mandou o jovem oficial reunir-se aos seus camaradas, no Campo de Santana. Seguiu-se a Abdicação.

Foi notável a sua atuação na chamada Abrilada de 1832.

O Major Miguel de Frias — amigo de Caxias — a quem o Imperador confiara o documento de sua renúncia, se compromete em algumas desordens e, preso, é recolhido à Fortaleza de Villegaignon, onde, logo, detém o Comandante e rebeli a guarnição, chegando a declarar a disposição da Regência, proclamando uma esdrúxula República Federativa. A derrota de Frias e seus comandados propicia um episódio dramático que leva os dois amigos a um confronto difícil. Lima e Silva cavalheirescamente preserva o insubmisso, por ele reconhecido como bravo, em uma cena realmente constrangedora. Assim, o Major Frias teve livre a sua fuga para os Estados Unidos. Mais tarde, no Rio Grande do Sul, onde Caxias foi levar a pacificação, convida Frias a servir com ele, confiando-lhe difíceis missões. Nas lutas políticas, Caxias sabia ver, no adversário ocasional de ontem, o companheiro de hoje, capaz de participar dos mesmos ideais.

Na Regência, o Padre Diogo de Feijó tem, no jovem Major Luiz Alves de Lima e Silva, o seu braço direito.

A tormenta, porém, prosseguiu, ensejando situações realmente difíceis.

O 7 de Abril, segundo Calógeras, "foi o remate consciente e lógico de uma grande sublevação nacional".

Os mais exaltados exclamavam: "Povos do Universo! Conhecei e fidei sabendo que, no Brasil, em julho de 1831, se considera anarquia pedir ao governo que livre a pátria dos seus inimigos".

Desse período, mais tarde, José Bonifácio, o Moço, diria: "A agitação cresce, a nação estremece, a imprensa troveja, a revolta é quase geral."

Funciona, mais uma vez, o determinismo histórico: voltam-se as esperanças para a ação das Forças Armadas.

Cria-se o **Batalhão Sagrado**. Vai comandá-lo o General João Manuel de Moraes. E Caxias, a despeito de seu posto, é escolhido para segundo comandante.

Fatos inéditos ocorrem: as patrulhas e a segurança são feitas por oficiais: coronéis, brigadeiros e generais que, de arma ao ombro, percorrem as ruas da cidade, com entusiasmo e abnegação.

Edifica-se, como se vê, já nos primórdios desta nação, o espírito de sacrifício, em favor da segurança e da tranquilidade dos lares, hoje, novamente ameaçados, no mundo, pelos que perderam a noção de família e de pátria.

Daqueles oficiais disse Feijó: "Estes bravos... deram o primeiro exemplo de patriotismo."

E, seguindo uma estrita linha de coerência, assevera: "sem ordem não há progresso; sem justiça não há liberdade", pondo, assim, mão de ferro sobre as revoluções: a Setembrada de 1832; a sedição do Ceará e a Cabanada, no Pará.

Em 1835 — 12 de outubro — Feijó, novamente na Regência, enfrenta a guerra dos Farrapos, a qual durou dez anos de sangrentas lutas.

O destino, todavia, preparara um laço, com a revolução de São Paulo, de 1842, pois fizera do Regente um dos chefes revolucionários. É singular a carta que, na oportunidade, Feijó dirige a Caxias, enfatizando: "Quem diria que em qualquer tempo do Sr. Luiz Alves de Lima e Silva seria obrigado a combater o Padre? Tais são as coisas deste mundo!..." E Caxias: "respondo a V. Ex^a pelas mesmas palavras da sua carta hoje recebida. Direi: quando pensaria eu, em algum tempo, que teria de usar da força para chamar à ordem o Senhor Diogo Antônio Feijó? Tais são as coisas deste mundo!..." e continua "As ordens que recebi de S. M. o Imperador são em tudo semelhantes às que me deu o Ministro da Justiça, em nome da Regência, nos dias 3 e 17 de abril de 1832, isto é, que levasse a ferro e fogo todos os grupos armados que encontrasse; e, da mesma maneira que, então, as cumprir, as cumprirei agora."

Sufocadas as revoltas de São Paulo e Minas, coube a Caxias, a pacificação do Rio Grande do Sul, sacudido pela Guerra dos Farrapos, sob a chefia de Bento Gonçalves.

Nomeado, por Decreto de 28 de setembro de 1842, Presidente da Província do Rio Grande do Sul e Comandante-Chefe do exército em operações naquele território, Caxias parte para aquela Província, e contando com o apoio de um bravo farroupilha, o caudilho Bento Manuel Ribeiro, ex-revoltoso, obtém significativas vitórias.

Em 1843, Caxias, sempre com muita grandeza, faz a seguinte proclamação aos Farrapos:

"Lembraí-vos de que a poucos passos de vós está o inimigo de nós todos, o inimigo da raça e da tradição. Não pode tardar que nos meçamos com os soldados de Rosas e de Oribe; guardemos para então nossas espadas e nosso sangue.

Vede que esse estrangeiro exulta com essa triste guerra com que nós mesmos nos estamos enfraquecendo e destruindo. Abracemo-nos e unamo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é nossa mão comum."

Rosas, entretanto, oferece soldados aos Farrapos, contra o Império. Canabarro repele:

"Senhor, o primeiro soldado de vossa tropa que atravessar a fronteira fornecerá o sangue com que será assinada a paz de Piratinim com os imperiais. Acima de nosso amor à República, colocamos o nosso brio, a integridade da Pátria.

Se puserdes agora vossos soldados na fronteira, encontrareis ombro a ombro os soldados de Piratinim e os soldados do Sr. D. Pedro II!"

Esta resposta é digna de figurar no frontispício de todas as escolas.

Oferecendo dignas condições aos bravos comandados de Bento Gonçalves, em demonstração de sinceridade de grandeza, Caxias consegue pacificar a Província Gaúcha, que, em 1845, o eleva ao Senado, onde ele, com 42 anos, senta-se ao lado do pai e o cumprimenta respeitoso. É um fato único na história do Senado.

Debelada a sedição, predominava em Caxias o espírito de concórdia, reconhecido pelos adversários, que, assim tocados pela nobreza de atitudes do vitorioso, procuravam rever a sua posição, colaborando, e até se desarmando a fim de facilitar o trabalho do generoso vencedor.

Em 1851, Caxias é nomeado, pela segunda vez, Presidente da Província do Rio Grande do Sul, quando o Império brasileiro se opõe aos caudilhos Oribe e Rosas. E, na famosa batalha de Monte Caseros, põe termo à tirania de Rosas.

Promovido a Tenente-General e à dignidade de Marquês, Caxias ascende à Pasta da Guerra e à Presidência do Conselho.

Quando retorna ao Senado, é nomeado Conselheiro de Guerra (1858).

Em 1861, volta à Pasta da Guerra e à Presidência do Conselho.

Em decorrência do insucesso de Curupaiti, Caxias assume o Comando das Forças Militares do Império contra Lopez, quando é efetivado no posto de Marechal.

Seguindo para o campo de operações, conquista vitórias memoráveis em Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Angusturas e outras, culminando com a tomada de Assunção, quando termina praticamente a guerra.

Recebe, então, o título de Duque, o único no Império.

Num exame retrospectivo das várias fases que antecederam a Caxias, Silvio Romero apontava as origens dos males que se agravaram nos dias da Regência e nos primeiros decênios do segundo Império. O deslocamento do País, emergente da fase colonial, em que a administração obedecia a métodos que destoavam dos verdadeiros interesses e destinos nacionais, não podia deixar de gerar as perturbações que vinham substituir o controle dos régulos da colonização pelo domínio dos novos grupos comunitários resultantes da autonomia por eles mal compreendida. O sistema de centralização instalou-se preferentemente na letra constitucional, entrando em distonia com as demandas naturais de um território em que as distâncias geográficas e as diferenças regionais repeliem a aplicação uniforme de comportamentos e disciplinas legais. Enfatizam, então, com absoluta clarividência, que, desse quadro de desagregação, provinham as diferenças e contrastes que ajudaram a estabelecer dificuldades e obstáculos à unificação das partes tão distantes umas das outras — no espaço geográfico e nas características étnicas e etnográficas. Tipos divergentes de colonizadores que se estabeleceram por toda a parte, desde o começo. Igreja, instrução, relações com a realidade, assembleias, parlamentos, municípios, tudo obedeceu, desde o início, à multiplicidade de planos e aspectos, embora a catequese dos jesuítas e as Ordenações do Reino tenham garantido, desde os primórdios, a unidade religiosa e a do direito.

Dentro da amplitude e diversificação das partes componentes, os seccionamentos e a criação de fronteiras artificiais constituíam a mais terrível ameaça à integração jurídica, étnica e política.

Caxias compreendeu, com nitidez e convicção, as dificuldades de sua tarefa, imediatamente transformada em missão, e essas dificuldades se apresentavam não só na oposição de alguns como na solidariedade de outros.

Para se compreender e admirar Caxias, em toda a sua grandeza, impõe-se o conhecimento de sua época, em que, segundo os historiadores, predominava o caudilhismo, o federalismo obliterado de seus reais fundamentos, o sacrifício das liberdades fundamentais; a imposição de tributos exagerados, a prática de confiscos e o estabelecimento de sinecuras. Toda essa conjuntura, de conformação medieval, teria de produzir um estado de inquietação nacional, que, certamente, desfecharia em manifestações mais violentas, gerando as sedições e as revoltas. A compreensão desse momento de inquietação pública fez de Caxias um verdadeiro predestinado, marcando as suas grandes decisões com um sánete de brandura e serenidade, sem, contudo, afastá-lo do cumprimento do dever e das obrigações que lhe impunham o seu enorme espírito de brasilidade. Estamos convencidos, assim, de que mais importante do que a exaltação dos seus

feitos é a prática, por todos nós, dos fecundos exemplos que marcaram a sua vida de brasileiro dedicado à sua Pátria e à sua gente.

Soldado e cidadão, Caxias é Patrono de um Exército que tem honrado a sua memória e praticado os seus exemplos através dos tempos, em missão civilizadora, como o Marechal Rondon, que estendeu os fios telegráficos pelo interior, até às tabas selvagens, como dois braços a estreitarem aqueles nossos irmãos.

Exército que monta guarda nas fronteiras, onde lá está o Forte Coimbra, de tão gloriosa história; Exército da Força Expedicionária Brasileira, atestando ao mundo a sua vocação pela democracia, a justiça e a liberdade; Exército que nos garante a segurança para a arrancada do progresso; Exército que reflete o espírito do seu Patrono. Por isso mesmo a Nação lhe deposita a mais sincera confiança.

A Caxias, que também foi parlamentar, com assento no Senado, as duas Casas legislativas, legítimas representantes do povo brasileiro, aqui se reúnem em sua homenagem, trazendo a expressão do seu acendrado culto de gratidão ao grande soldado, que esteve sempre contra a anarquia e a desordem; esposo e pai exemplar, homem de fé cristã, valente na guerra e magnânimo na paz, a ele, o paladino da unidade nacional, ao seu devotamento, ao seu espírito de renúncia, ao modelo de militar que foi, de cidadão e de estadista, o nosso permanente preito de admiração e também o compromisso de uma luta constante na busca dos grandes objetivos nacionais! (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao ilustre Deputado Marcelo Linhares, que falará em nome da Câmara dos Deputados.

O SR. MARCELO LINHARES (ARENA — CE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Senador Magalhães Pinto, Presidente do Congresso Nacional; Sr. Deputado Célio Borja, Presidente da Câmara dos Deputados; Sr. Ministro Djaci Falcão, Presidente do Supremo Tribunal Federal; Sr. General Sylvio Frola, Ministro de Estado do Exército; Sr. Dr. Elmo Serejo, Governador do Distrito Federal; Srs. Ministros; Srs. Oficiais Gerais; autoridades civis, militares e eclesiásticas; Srs. Senadores, Srs. Deputados; minhas senhoras, meus senhores:

Honrado pela indicação do Presidente Célio Borja, para representar a Câmara dos Deputados, na homenagem que o Congresso Nacional presta às Forças Armadas do Brasil, de logo confessamos a nossa satisfação e honra pela missão que nos foi confiada.

A maior aspiração do homem, a mais alta, durante os milênios de sua vida na Terra, tem sido a liberdade. Mesmo quando se preocupa, essencialmente, em construir os caminhos para a sobrevivência física, ou vislumbrar vias para a continuidade em plano superior, é a libertação da morte o que procura. Toda a luta da humanidade tem sido no sentido de libertar-se. Libertar-se da fome, da miséria, do desconforto, da opressão, das imperfeições da matéria, das limitações do ego.

Essa batalha perene em prol da liberdade não se trava, portanto, em plano abstrato, a não ser do seu estágio supremo, quando, vencidas as deficiências materiais, poderá entregar-se cada um e a coletividade, plenamente, à ascensão do espírito.

O fundamento, pois, do edifício da liberdade é de natureza econômica. Mas, antes mesmo da construção dos alicerces, um cuidado se impõe: estabelecer um conjunto de medidas que propiciem aos trabalhadores um clima de segurança, que de outro modo o caos impediria qualquer edificação.

Ao fazermos estas afirmações, estamos tentando uma visão global da luta do homem, sem nos esquecermos, porém, de que alguns indivíduos, alguns grupos, têm já superado as etapas iniciais. E ao dividirmos esta luta em três fases, no processo de análise a que nos entregamos, não queremos dizer que elas tenham de ser estancamente sucessivas no tempo; sabemos, e fazemos questão de declará-lo, que elas devem ser simultâneas. A análise — frisemo-lo

hem — apenas nos mostra uma sequência de prioridades lógicas, não necessariamente cronológicas.

Feitas estas considerações iniciais, voltemos os olhos para nosso País.

A que pode e deve aspirar, primeiro que tudo, uma nação jovem como o Brasil, de vastos e heterogêneos — embora compactos — territórios diversamente povoados, diferentemente aproveitados, e com um grande espectro de problemas básicos ainda por resolver, neste momento da História em que, infelizmente, o espírito de cooperação e fraternidade ainda não predomina no Planeta, isto é, em que o entrededorar-se da biosfera animal permanece a norma?

Desenvolvimento — respondemos — é a nossa meta. E segurança é a sua condição.

Segurança e Desenvolvimento. Igual a Ordem e Progresso. Estas as premissas que precisamos consolidar, a fim de coroá-las com a plenitude da conclusão: Liberdade.

Somente após este coroamento estará, em definitivo, edificada a Nação. Temos, pois, e o nós implícito no verbo implica todo o povo — de nos dedicar de corpo e alma à concretização do trinômio: Segurança — Desenvolvimento — Liberdade. Com a cautela, que antecipamos na ressalva há pouco expressa, de não lhe escalornarmos os elementos em estágios consecutivos, mas de o encarmos sempre, a esse trinômio, como um todo indivisível. Uma espécie — digamo-lo assim, numa comparação que nada tem de sacrilégio, mas antes deseja reverenciar a crença da maior parte dos brasileiros — uma espécie de Sacratíssima Trindade da Pátria.

Em outras palavras, temos de trabalhar em segurança para assegurar o nível de liberdade que já atingimos, e o aumentar progressivamente, até que a possamos colher plena e para todos. Plena: não desejamos apenas alguns de seus aspectos, como a liberdade de ir e vir, de opinar. Para todos: queremos-la madura, integral, incluindo portanto a libertação da fome, da doença, da ignorância, do desconforto, e sem excluir nenhuma, sequer a mais mínima parcela de nosso povo.

Se a tarefa é de todos, em todos os seus níveis também é verdade que sua execução, ou direção, em cada campo, compete preponderantemente a órgãos específicos, em decorrência da especialização exigida pelo alto grau da vida social a que chegou a humanidade.

O destinatário da luta do homem é o homem mesmo. É o povo. A cada um, ou a cada grupo, a par da vigilância constante sobre o conjunto, cabem tarefas diferenciadas cujo somatório, entretanto, é interesse comum a todos; e ao Governo compete supervisionar, ordenar, coordenar, estimular, planificar o esforço geral.

Neste momento em que o Brasil se devota, com a máxima energia, a firmar a segunda premissa do trinômio a que nos referimos — o Desenvolvimento —, nós, representantes do povo no campo político da Nação, prestamos nossa homenagem aos órgãos deste mesmo povo, responsáveis pela segurança que vem possibilitando a boa marcha da obra: as Forças Armadas.

O encargo de zelar pela segurança resulta de sua própria natureza, e está consignado na Constituição. Diz o art. 91 da Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969:

“As Forças Armadas, essenciais à execução da política de segurança nacional, destinam-se à defesa da Pátria e à garantia dos poderes constituídos, da lei e da ordem.”

A essa destinação fundamental tem elas correspondido cabalmente, seja no tocante à segurança externa, seja no que respeita à segurança interna, conforme o atestam os muitos e sobejamente conhecidos exemplos de nossa História. Mas os problemas de segurança, desenvolvimento e liberdade inter-relacionam-se. Sem segurança, prejudica-se a faina desenvolvimentista; sem desenvolvimento, porém, como garantir-se a segurança? Sem segurança e desenvolvimento, não haverá liberdade; mas, sem as liberdades essenciais, compromete-se a segurança e, conseqüentemente, o desenvolvimento. Assim, a função de zelar pela segurança nacional, cometidas às Forças Armadas, não pode ser entendida como de natureza

exclusivamente bélica ou parabólica. Na verdade, a parte guerreira ou de preparação para a guerra dessas funções é, em tempos normais, a menor. É por isto, por compreenderem profundamente o seu papel no campo geral da Nação, que as Forças Armadas têm realizado ou fomentado trabalhos de natureza à primeira vista estranha ao seu âmbito, mas de fato estreitamente ligadas aos problemas de segurança.

Graças a esse feliz entendimento de suas responsabilidades, tem sido inestimável a contribuição das Forças Armadas brasileiras para o incremento da educação, das vias de transporte, da engenharia e da formação de mão-de-obra especializada, da pesquisa científica e tecnológica.

Somos, territorialmente, um dos maiores países do mundo. Mas a heterogeneidade do povoamento e do desenvolvimento de nossas regiões ainda justifica a afirmativa de sermos antes um arquipélago — graças a Deus os unido, pelo mesmo sentimento de nacionalidade — do que uma Nação contínua. Daí a ênfase que se tem dado à política de integração nacional, cuja semente foi a efetiva transferência do comando político para o interior.

Ora, o Exército brasileiro tem sido, desde os seus primórdios, por sua atuação propriamente militar, e, por atividades que a transcendem, desde a instituição do serviço militar obrigatório, um dos maiores fatores de integração neste País. Devido a sua formação eminentemente popular, eminentemente democrática, devido a sua onipresença no território pátrio, devido a suas atividades no setor educacional, é ele um dos elos da cadeia da nacionalidade.

Quanto a este ponto, visa a Marinha, em princípio, consoante nos ensina Henrique Paulo Bahiana (As Forças Armadas e o Desenvolvimento do Brasil), "integrar a população ribeirinha ao todo nacional, fazendo-a beneficiar-se dos progressos da técnica e do conforto moderno", bem como "à cobertura de todos os rios da bacia amazônica, com as unidades móveis operando em prolongadas permanências pelos rios mais distantes do sistema".

Já o papel integrador da Aeronáutica pode ser magnificamente exemplificado pelo Correio Aéreo Nacional, cuja criação e manutenção inscreveram páginas heróicas em nossa história.

E, já que estamos falando em integração nacional, não deixemos de ao menos mencionar, numa homenagem à parte, a figura impar desse grande brasileiro que foi o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

De quanto acabamos de relatar, conclui-se que nossas Forças Armadas, no desempenho de suas funções constitucionais, não têm pecado por omissão, nem tampouco por um entendimento restritivo do seu âmbito de ação. O pensamento do militar brasileiro sobre a interdependência dos termos do trinômio Segurança-Desenvolvimento-Liberdade, acreditamo-lo sintetizado nestas palavras do General Golbery do Couto e Silva, em sua *Geopolítica do Brasil*, que nos agrada repetir:

"Segurança e Bem-Estar e, em plano mais elevado, Segurança e Liberdade, são dilemas decisivos com que sempre se viu defrontada a humanidade, nunca, porém, como hoje, em circunstâncias tão dramáticas e tão imperiosas assim.

E, como dilemas da vida social, ambos, em ambos se manifesta uma bipolaridade não exclusiva, cada um dos termos opostos dependendo, em verdade, do outro.

Não se acredite, pois, que o sacrifício da Liberdade possa conduzir sempre a um aumento de Segurança. Além de certos limites, a Liberdade sacrificada determinará, de sua parte, perda vital da Segurança.

Portanto, a despeito de toda a maravilha argumentativa de Hobbes, rediviva nas modernas doutrinas sofisticadas dos totalitários de todos os matizes e dos Salvadores pela Espada, como os chama Toynbee, a Liberdade do cidadão dentro do Estado moderno precisa ser salvaguardada, e defendida também, dentro de limites que são irredutíveis até mesmo na guerra, sob pena de, sem ela — a Liberdade —, totalmente esvair-se a própria Segurança, em nome da qual tantas aven-

turas liberticidas se têm empreendido, desde que o mundo é mundo, com maior dose de arrogância ou maior capacidade de mistificação e de cinismo.

Estejamos certos de que defender a Liberdade é também, graças aos céus, alicerçar em sólidas bases a Segurança Nacional. E, se não o fora, miserável seria a vida do soldado nos Estados modernos, mais miserável ainda do que as dos torpes mercenários que resguardavam, nos impérios moribundos de outrora, a luxúria e a orgia e o crime das cortes "depravadas e corruptas, até que a mão inexorável do destino as sepultasse para sempre na vasa do olvido que se deposita, incessante, ao longo do rio caudaloso da História."

Palavras do General Golbery.

Já em 1890, Joaquim Nabuco assinalava o espírito vigilante e o caráter integrador das Forças Armadas, ao observar que, "no dia em que se fez a República, viu-se a Nação pedindo ao governo militar para salvar a unidade, por ser o espírito militar o mesmo de um extremo a outro do País, isto é, nacional". E acrescentava que, "estranho como isto pareça, o governo militar é, nos períodos em que o Exército se torna a única força nacional e adquire a consciência disso, o meio de impedir o militarismo, vício dos exércitos políticos e sem espírito militar".

Portanto, assim como não têm sido culpadas de omissão, também não se pode acusá-las de excesso. Esse equilíbrio é tradição em nossas Forças Armadas. Registra-o muito bem Gilberto Freyre, no prefácio, de 1965, a *Forças Armadas e Outras Forças*. Diz o sociólogo:

"Uma das singularidades da gente brasileira, através da sua história nacional, é a que vem regulando as relações das chamadas Forças Armadas com as demais forças nacionais, sem que tenha surgido, entre nós, em qualquer época, qualquer militarismo violentamente opressor da gente civil ou organizado em casta autocrática ou oligarquia caudillesca. O que não tem havido é omissão ou ausência das mesmas Forças, no desenvolvimento do País ou na sua segurança e resguardo contra elementos antinacionais. Essa singularidade é preciso que a saibamos estimar e, quando necessário, pôr em relevo. Principalmente em dias como os que atravessamos. Seria excesso de lirismo ignorar-se, atualmente, a necessidade de países como o Brasil unirem todas as suas forças nacionais contra quaisquer tentativas, quer de dentro para fora, quer de fora para dentro, de desagregação ou de degradação do que nele é, de fato, valiosamente nacional... Daí a importância de uma justa compreensão das relações que deve, entre nós, continuar a haver — no momento, mais do que nunca — entre Forças Armadas e as demais forças construtivamente nacionais."

Exemplo maior de todas essas qualidades ostentadas por nossas Forças Armadas é Caxias —, a figura síntese de nossa nacionalidade. Soldado sempre, nunca militarista; disciplinado, honesto até a austeridade; grande engenheiro militar e alto espírito cívico; administrador e político seguro —, foi com esse raro elenco de virtudes que unificou o País e mereceu o glorioso título de Pacificador. Seu elevado foi a estatura moral desse homem que recebeu de tão povo a glorificação máxima, reservada a bem poucos: seu nome tornou-se substantivo comum, adjetivo, para indicar aquele que cumpre o seu dever com o mais extremado rigor.

Caxias é, assim, um Monumento de nossa Pátria; a grande moldura de nossa Nacionalidade.

Compreender o sentido patriótico de sua atuação é compreender as Forças Armadas do Brasil.

Podemos, a esta altura de nossa oração, voltar ao trinômio a que insistentemente aludimos: Segurança-Desenvolvimento-Liberdade. As Forças Armadas brasileiras, neste momento homenageadas, estão na base do silogismo, colaboram energeticamente na segunda premissa e mantêm os olhos fixos na conclusão, que é também

responsabilidade sua — como aliás de todos nós —, nos termos do preceito constitucional que lhes comete “a garantia dos poderes constituídos, da lei e da ordem”. O Poder Legislativo, que lhes rende homenagem, contribui na criação dos instrumentos legais que permitem a segurança e a planificação do desenvolvimento; debatem, publicamente, como é próprio das verdadeiras democracias, todos os problemas nacionais; e, como Casa de representação de todo o povo no Governo, é órgão que, por sua existência e atuação mesmas, assegura a liberdade indispensável à manutenção da segurança e ao explodir do desenvolvimento.

Com a Graça Divina, saberemos, juntos — todos os órgãos do Governo, todas as parcelas do povo —, construir nesta Nação o império da Justiça Social, que sintetiza Segurança e Desenvolvi-

mento e culmina com a plenitude da Liberdade. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — A Presidência agradece a presença do Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, dos Srs. Ministros de Estado, dos Srs. Parlamentares e demais autoridades, que aqui vieram dar uma nota de maior grandeza e brilhantismo a esta merecida homenagem que o Congresso Nacional presta ao Patrono do nosso Exército.

Antes de encerrar a sessão, a Presidência convida os presentes a comparecerem ao salão nobre do Senado Federal, onde será oferecido um coquetel.

Está encerrada a Sessão.

(*Levanta-se a Sessão às 16 horas.*)

EDIÇÃO DE HOJE: 8 PÁGINAS

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr\$ 0,50